

**AGAVE SISALANA, O OURO VERDE DO SERTÃO:
O mundo do trabalho e os espaços de resistência narrados pela memória
dos velhos sisaleiros do semi-árido paraibano (1970-1990).**

Gilbert Patsayev Marreiro Miranda

Pensar o semi-árido nordestino, requer preocupar-se com a construção do processo de produção-reprodução do sertão nordestino no processo de reestruturação produtiva regional, de pensar a cerca da natureza de seus movimentos, de suas múltiplas territorialidades olhando sempre para formação e transformação do espaço rural.

Nessa perspectiva, a análise do espaço rural aqui proposta parte da leitura de Milton Santos ao afirmar que:

“Se a geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial aliada á sociedade local pode servir como fundamento da compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem” (SANTOS, 2005, p. 22).

Essa pesquisa tem por objeto, a construção dos espaços sisaleiros no semi-árido paraibano, logo, torna-se imprescindível apresentar ao leitor a planta a qual trouxe uma série de mudanças aos grupos sociais que habitavam nosso recorte espacial e que assumiu ar de protagonista nesse trabalho.

Agave Sisalana Perrine: A planta

Conhecida popularmente sob o nome de Agave ou Sisal, essa planta no meio científico é chamada *Agave Sisalana Perrine*. Integrante do gênero agave da família *Amaryllidaceae*¹ pode ser cultivada em locais de baixa pluviosidade. Sendo uma planta semi-xerófila², adaptou-se com tranqüilidade aos espaços áridos do território nordestino.

¹ A família Amaryllidaceae é formada por monocotiledônias perenes, na maioria bulbosas, as quais incluem cerca de 50 gêneros e 870 espécies. A maioria das plantas dessa família apresenta um órgão de armazenamento que acumula reservas nutritivas, fato que favorece seu cultivo em áreas de baixa pluviosidade. (MACHADO, Célia, Herbário da Universidade de Coimbra. [online] Disponível na internet via http://www.uc.pt/herbario_digital/Flora_PT/Familias/Amaryllidaceae/ Acesso em 08/03/2011.

² As plantas semixerófilas, necessitam de clima quente e grande luminosidade. As mesmas são adaptadas a regiões semi-áridas, por ser altamente resistente a estiagens prolongadas, apresentando estruturas peculiares de defesa contra as condições de aridez: folhas carnosas, número reduzido de estômatos e epiderme fortemente cutinizada (SILVA, 1999; CNA, 2004).

A região Nordeste tem áreas de baixíssima pluviosidade, fato que muitas vezes dificulta a fixação de “severinos”³ em seus espaços de origem, logo, o sisal surgiu como uma alternativa de movimentação econômica, geração de emprego, renda e sustentabilidade para muitos espaços do território nordestino. A tabela abaixo apresenta as zonas climatológicas da região e nos faz pensar nos lugares os quais o sisal teria uma fácil adaptação.

Tabela 1: ZONAS CLIMATOLÓGICAS DO NORDESTE

GRUPO	ZONAS DE CARACTERÍSTICA GERAL	CHUVAS ANUAIS EM mm	UMIDADE RELATIVA DO AR % ANO	OBSERVAÇÕES
I - A	“LITORAL” – LITORAL E MATA	ACIMA DE 1.000 mm	NÃO HÁ MUITA IMPORTÂNCIA	CLIMA BEM INDICADO PARA AGAVE SISALANA
I - B	“BREJOS”	ACIMA DE 1.000 mm	NÃO HÁ MUITA IMPORTÂNCIA	CLIMA BEM INDICADO PARA AGAVE SISALANA
I - C	“ALTAS SERRAS”	NÃO É LIMITANTE	ACIMA DE 80% +	CLIMA BEM INDICADO PARA AGAVE SISALANA
II - D	“AGRESTE”	ACIMA DE 600 mm	ENTRE 80 E 75% ++	CLIMA MENOS INDICADO PARA AGAVE SISALANA, AINDA SERVE PARA OS HÍBRIDOS
II - E	“SERTÕES” ALTOS, SEMI-ÁRIDOS	MAIS OU MENOS 500 mm	ENTRE 80 E 75% ++	CLIMA MENOS INDICADO PARA AGAVE SISALANA, AINDA SERVE PARA OS HÍBRIDOS
III - F	“SERTÕES BAIXOS” MAIS ÁRIDOS	MENOR DE 600 mm	Menor de 75% +++	CLIMA CONTRA INDICADO PARA AGAVE SISALANA ++++

OBSERVAÇÕES:

- + Muito orvalho quase todo ano, mesmo nas secas prolongadas.
- ++ Orvalho regular todo ano.
- +++ Sem orvalho regular
- ++++ Quando orvalho menor de 65%, não seria indicado mesmo para os híbridos.

Fonte: Importância sócio-econômica e sistema de produção da cultura do sisal, Campina Grande, 1992.

³ O termo “severino” aqui utilizado tem a função de parafrasear João Cabral de Melo Neto em sua obra Morte e Vida Severina, onde o “Severino” é o homem do campo que habita os espaços do semiárido nordestino.

Marta Lúcia Sousa⁴ aponta que as primeiras mudas de sisal chegaram aos espaços brasileiros no século passado, enviadas pelo cônsul norte-americano no México, Dr. Herry Perrine, fato que originou a denominação científica da espécie – Perrine - que a priori foi cultivada em terras ao sul do país e , mais tarde, direcionada para solos menos férteis, sob o clima seco do Nordeste do Brasil.

Apresentando as características estruturais do Agave Maria Novaes Pinto⁵ afirma:

“O sisal é uma planta de folhas rígidas, lisas, de cor verde brilhante, em forma de espada de 10 a 15 cm de largura por 1 a 2 metros de comprimento; na extremidade da folha encontra-se um espinho redondo, marrom de 20 a 25 cm de comprimento. Cada planta desenvolve de 10 a 40 folhas por ano. Essas folhas têm uma inclinação variada em relação ao axé vertical da planta” (PINTO, 1969. p. 17)



Imagem 1: Plantação de sisal. Fonte: [online] disponível em <http://www.ateffaba.org.br/?p=7738>
Acesso em 08/03/2011.

⁴ SOUSA, Marta Lúcia. **A produção do sisal na Paraíba**: O município de Cuité, um estudo de caso. Campina grande, Ufpb, 1987. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) universidade Federal da Paraíba, 1987.

⁵ PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

Entre o 5º e o 8º ano, a planta desenvolve, no meio das folhas, sob a forma de uma haste floral, a eflorescência, de uma altura de 6 a 9 metros, com uma profusão de flores na parte superior. Essa haste torna-se cada vez mais resistente até a morte da planta, que se situa nas proximidades do 15º ano do seu ciclo vegetativo, todavia, a reprodução é constituída por bulbilhos e filhotes formados por flores caídas da eflorescência⁶.

“ A reprodução da planta é feita por bulbilhos e filhotes. Os bulbilhos são formados por flores caídas da eflorescência, geralmente são plantados em viveiros e transplantados definitivamente, desde que atinjam uma altura média de 40 cm. Esse processo dura de 6 a 24 meses” (PINTO, 1969. p. 17)

O senhor José Fernandes, produtor de sisal desde os primórdios de sua vida afirma que no momento que a planta morre já existem filhotes aos arredores da “planta matriz” os quais já se encontram prontos para o corte, assim, a roça encontra-se em constante processo de renovação.

“J.F.: (...)é a primeira planta, ai depois de plantar a primeira mão, o filhote sustenta o tempo todo. Vai só tratando porque vai morrendo o pé e tendo os outros, nunca falta, nunca falta a fibra”..José Fernandes – Sítio Olho d’agua novo.

Os cuidados com a preparação do solo, a limpeza do terreno, assim como o corte na época certa interferem diretamente no tamanho da folha e qualidade da fibra produzida. Vale ressaltar que durante o ciclo vegetativo, a agave sisalana desenvolve de 200 a 260 folhas , das quais de 160 a 180 são utilizáveis para produção da fibra, ou seja, uma média de 3000 gramas de fibra seca por planta (PINTO,1969).

Maria Novais Pinto⁷ faz um relato minucioso da folha de agave ao afirmar que:

“...o peso da folha varia de 300 a 1500 gramas com uma média de 550 gramas. O teor da fibra por peso de folha verde é também variável de 2,5 a 7% devido ao seu variado grau de umidade no momento da preparação da fibra . As folhas jovens tem uma porcentagem de produção de fibra menos elevada que as mais desenvolvidas” (PINTO, 1969. p. 18)

A vida útil da planta é proporcional a freqüência do corte, o número de folhas extraídas por cada corte, o espaçamento entre as plantas, os cuidados culturais, a fertilidade do solo e a pluviosidade. Para maximizar seu uso é interessante fazer o corte e cada seis meses com a extração média de 15 folhas por planta, logo, garantindo a retirada de 30 folhas por ano para cada pé de agave.

⁶ O dicionário Aurélio entende como eflorescência a formação ou aparecimento de flores.

⁷ PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

Durante a década de 70, a produção de sisal no território Nordestino cresceu consideravelmente devido a crise do petróleo. A alta no preço do barril tornou inviável a produção de fibras sintéticas e abriu caminho para a expansão da produção de fibras vegetais. O momento de prosperidade da cultura sisaleira ocasionou políticas públicas que incentivaram a pesquisa e o desenvolvimento da região.

Data desse contexto as pesquisas realizadas pelo MARA - Ministério da Agricultura e da Reforma Agrária, a EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa em Agropecuária e o CNPA - Centro Nacional de Pesquisa do Algodão que almejavam a melhoria do solo e o aumento da produção. As tabelas 2 e 3 resultam desses estudos e apontam os nutrientes que a cultura sisaleira extrai e devolve ao solo. O processo de produção da fibra do sisal origina um resíduo que contém parte dos nutrientes absorvidos pela planta até o corte. Esse resíduo é utilizado para adubar o solo, fato que favorece a constante renovação da produção.

Os estudos realizados pelas instituições públicas acima citadas também favoreceu a modificação da paisagem do roçado de sisal ao passo que propôs uma formatação de plantio cruzado a outras culturas na perspectiva de aumentar a produção e favorecer o corte. As tabelas 4, 5 e 6 apontam a forma como a lavoura do sisal deveria ser formatada.

Tabela 2: NUTRIENTES NECESSÁRIOS NO SOLO PARA PRODUZIR UMA TONELADA DE FIBRA.

NITROGÊNIO	N	44 KG-HÁ
FÓSFORO	P205	27 KG – HÁ
POTÁSSIO	K2O	70 KG – HÁ
CALCIO	CAO	118 KG – HÁ
MAGNÉSIO	MGO	53 KG – HÁ

Fonte: Importância sócio-econômica e sistema de produção da cultura do sisal, Campina Grande, 1992.

Tabela 3: NUTRIENTES ENCONTRADOS NO RESÍDUO DERIVADO DA PRODUÇÃO DE UMA TONELADA DE FIBRA.

NITROGÊNIO	N	23 KG
FÓSFORO	P205	25 KG
POTÁSSIO	K2O	60 KG – HÁ
CALCIO	CAO	100 KG – HÁ
MAGNÉSIO	MGO	45 KG – HÁ

Fonte: Importância sócio-econômica e sistema de produção da cultura do sisal, Campina Grande, 1992.

Uma longa estrada: Os caminhos percorridos pelo sisal.

A utilização da fibra de sisal, remonta os tempos mais remotos da humanidade. Maria de Novais Pinto⁸ afirma que o agave é originário do continente americano e das ilhas Caraíbas, de tal forma que os Astecas e os Maias cercavam suas casas com a planta, produziam cordas, faziam redes com a fibra e ainda fabricavam bebidas. É interessante salientar que ainda hoje, o pulque, a tequila e o mezcal são bebidas alcoólicas derivadas do agave.

De acordo com DANTAS⁹ o principal subproduto derivado da fibra do sisal é utilizado para fabricação de fios (*baler twine*¹⁰ e *binder twine*¹¹, notadamente) cordas e cabos. No entanto outros produtos podem ser obtidos a partir do sisal como: celulose, álcool, ração animal (mucilagem), substâncias utilizadas na indústria farmacêutica, entre outros.

PINTO¹² afirma que a aplicação industrial das fibras duras é muito variada e diferente de fibras curtas e leves, tal como o algodão. São empregadas na fabricação de “twines” o fio para enfaixar e embalar o trigo, o feno, palha e outros cereais, na cordaria em geral, cabos submarinos, cordas marítimas, barbantes, fios e similares empregados

⁸ PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

⁹ DANTAS, Leiliam Cruz. Complexo agroindustrial de sisal: Da integração à desestruturação integrada, o caso brascorda na microregião do Curimataú paraibano, Ufpb,1994.(Dissertação de mestrado em economia) – Universidade Federal da Paraíba.

¹⁰ Entende-se como “baler twine” o fio agrícola utilizado pelos países de clima frio no enfardamento de feno para alimentação do gado em época de frio.

¹¹ Entende-se como “binder twine” o fio agrícola mais fino que o baler twine, utilizado para atar fardos de palhas de cereais- mais leves que o feno voltado para alimentação do gado.

¹² PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

na agricultura, pecuária, indústria e comércio como sacos, tapetes e ainda artigos femininos como bolsas e sandálias. Ao lado dessas aplicações ainda pode-se citar:

“... a fabricação de um papel melhor e mais barato que aquele fabricado a partir do pinheiro. Da mesma maneira que experiências químicas mostram possibilidades de obter grande variedade de subprodutos do sisal, tais como graxa para uso industrial, a cera, o álcool, o ácido, o esterco, o plástico a partir do resíduo, os troncos utilizados como muro, entre outros”
(PINTO, 1969. p. 19)

SOUSA¹³ afirma que o Dr. Henry Perrine trouxe as primeiras mudas de sisal para o Brasil no fim do século XIX. A priori, o agave foi cultivado nos estados no sul do país e, mais tarde transferida para solos menos férteis, sob climas mais secos, no nordeste do Brasil.

Em uma reportagem publicada na revista: O Cruzeiro¹⁴ por José Leal foi possível constatar uma nova versão referente à introdução do agave no Brasil e possivelmente na Paraíba. Segundo o autor, a chegada da planta ao Brasil ocorreu nos primórdios do século XX, através de um proprietário de terras do interior da Paraíba chamado Aristides Madeira, o qual classificava as mudas como “planta ornamental”. Tendo como referência o citado artigo, o sisal teria sido plantado inicialmente em solo paraibano por Adroaldo Guedes em sua fazenda no município de Caiçara ao fazer uso de mudas que recebera de Aristides Madeira.

DANTAS¹⁵ aponta que Adroaldo Guedes transformou-se no primeiro produtor e no maior difusor da cultura no Estado da Paraíba. De 1926 a 1930, o sisal começou a ser plantado nos municípios de Areia e Cuité.

O discurso presente na reportagem de José Leal difere do que é defendido por PINTO¹⁶ o qual afirma que as primeiras mudas de agave sisalana teriam sido introduzidas no nordeste por volta de 1910, no estado da Bahia. Concordando com o raciocínio de Maria Novaes Pinto, SOUSA¹⁷ defende a idéia que o sisal chegou á Paraíba, nas primeiras décadas do século XX, trazido da Bahia pelo engenheiro agrônomo J. Viana. Sendo plantado a priori nas regiões do Brejo e Caatinga Litorânea, deslocando-se, mais tarde, para os Cariris e regiões sertanejas da Paraíba.

¹³ SOUSA, 1987.p.13

¹⁴ LEAL, José. La civilización dorada. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, ano IX, 16 de maio 1965. P.32

¹⁵ DANTAS, 1994,p.42

¹⁶ PINTO, 1969, p.19

¹⁷ SOUSA, 1987,P.14

Apesar da reportagem de José Leal discordar do trabalho de SOUSA¹⁸ quanto à história do sisal na Paraíba, vale ressaltar que ambos afirmam que os agricultores paraibanos foram impelidos a cultivar sisal em decorrência da situação desfavorável das culturas do café e da cana-de-açúcar, principais produtos da economia paraibana durante vários anos.

Vale ressaltar que a cultura sisaleira passa a ser explorada comercialmente no Brasil, a partir da década de 40, concentrando-se no Nordeste, mais especificamente nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia e Pernambuco¹⁹. O aumento considerável dos roçados de agave no Brasil segue uma dinâmica internacional de mercado derivado da Segunda Guerra Mundial²⁰. Durante a Guerra, a ocupação das Filipinas pelo Japão desorganizou a oferta mundial de fibras duras, as quais aqueles países eram grandes produtores, fato que forçou a reorientação da produção para outros países, dentre eles o Brasil²¹.

Na perspectiva de sistematizar a produção de sisal nos espaços brasileiros, Ivony Lídia Monteiro Saraiva dividiu a história do sisal em três fases, respectivamente:

- PRIMEIRA FASE: Do início do cultivo do produto até 1966.
- SEGUNDA FASE: De 1966 até 1972.
- TERCEIRA FASE: De 1972 até os dias atuais.

Ao passo que a “vida” da cultura sisaleira pode ser dividida em três grandes ciclos senti necessidade de perceber como esses momentos ora de fervor ora de depreciação da cultura se relacionaram com o espaço.

Na primeira fase, o sisal viveu o que poderia chamar de “fase externa”, ou seja, a produção de fibra brasileira destinava-se quase exclusivamente ao mercado internacional²², o mercado externo utilizava a fibra para a produção de fios de enfardamento mais conhecidos como *twine*.

Vale ressaltar que durante esse período a produção brasileira de sisal encontra uma concorrência internacional que vai desde países que produzem a fibra do agave como países que produzem fibras que concorrem com o *agave*.

¹⁸ SOUSA, 1987,P.14

¹⁹ SARAIVA, ivony L. M. cooperativa de sisal Sociedade Anônima. Campina grande: Ufpb, 1981. Dissertação Mestrado em economia Rural – Universidade Federal da Paraíba, 1981.p.49.

²⁰ PINTO, 1969, p.19

²¹ SARAIVA,1981,p.50

²² SARAIVA,1981,P.51

“As fibras que concorrem com a agave sisalana no mercado mundial são o abacá ou cânhamo de Manilha, o henequem, o marguey, o fórmio e o corá”. (PINTO, 1969. p. 20)

Durante a década de 30 do século XX, o abacá era o principal concorrente do sisal, é interessante salientar que a cultura era amplamente produzida nas Filipinas e era beneficiada pela existência de um amplo conhecimento local sobre a cultura associado a excelentes condições de solo, clima e mão-de-obra barata.²³ Utilizando o recorte temporal supracitado, vale ressaltar que Cuba e México eram grandes produtores de Henequem onde os mexicanos assumiram a posição de maior produtor mundial de fibras de agave. Durante esse momento, a cultura também se expandia nas Ilhas Bahamas, tanganica, Sudão Francês e Brasil²⁴ As tabelas abaixo apresentam a produção mundial de agave e a conseqüente ascensão da cultura no Brasil .

Tabela 4: Produção mundial de agave – 1934-1938

MÉXICO – 107.000 TONELADAS	FILIPINAS – 16.000 TONELADAS
TANGANICA – 90.000 TONELADAS	CUBA – 14.000 TONELADAS
QUÊNIA – 30.000 TONELADAS	ANGOLA – 6.000 TONELADAS
MOÇAMBIQUE – 22.000 TONELADAS	HAITI – 6.000 TONELADAS

Fonte: PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

Tabela 5: Produção mundial de agave – 1948-1952

TANGANICA – 137.000 TONELADAS	ANGOLA – 21.000 TONELADAS
MÉXICO – 110.000 TONELADAS	MOÇAMBIQUE – 19.000 TONELADAS
BRASIL – 44.000 TONELADAS	CUBA – 15.000 TONELADAS
QUÊNIA – 30.000 TONELADAS	FILIPINAS – 3.000 TONELADAS
HAITI – 28.000 TONELADAS	-----

Fonte: PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

A partir da análise das tabelas 7 e 8, pode-se perceber que a produção brasileira de agave ingressava em processo de ascensão. Entre 1934 e 1938, a produção de sisal

²³ PINTO, 1969, p.20

²⁴ PINTO, 1969, p.20

era irrisória ao ponto do Brasil não aparecer entre os dez maiores produtores do mundo. Entre 1948 e 1952, a cultura sisaleira no Brasil cresceu ao ponto do país se transformar no terceiro maior produtor mundial de agave.

Tendo como referência a exportação brasileira de agave em 1949, foram exportadas 23.018 toneladas de fibra de sisal, ao passo que a Paraíba contribuiu com 19.066 toneladas, sendo então o estado que mais produzia agave na época.²⁵ A tabela abaixo aponta os principais produtores de fibra de agave do Brasil.

Tabela 6: Produção brasileira de agave – 1949.

PARAÍBA – 19.066 TONELADAS	PERNAMBUCO – 138 TONELADAS
BAHIA – 959 TONELADAS	SÃO PAULO – 119 TONELADAS
RIO GRANDE DO NORTE – 655 TONELADAS	SERGIPE – 24 TONELADAS

Fonte: PINTO, Maria Novais. *Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.*

A segunda fase foi marcada pela depreciação da cultura no mercado internacional, o fato foi derivado da inovação tecnológica do fio sintético de polipropileno, um derivado do Petróleo. Baseada em estudos colhidos na secretaria da agricultura, indústria e comércio do Estado da Paraíba e na Comissão estadual de planejamento agrícola- CEPA, SARAIVA²⁶ afirma que o abandono dos campos de sisal chegou ao tons de 60% e ainda o banco do Brasil suprimiu a assistência á cultura e a Comissão de Financiamento da produção excluiu o sisal da pauta dos produtos beneficiados pela política de preços mínimos.

A terceira fase, que segue os anos posteriores a 1973, momento que um conjunto de acontecimentos externos relacionados à crise mundial do Petróleo favoreceu a retomada da economia sisaleira, uma vez que houve aumento no preço das matérias primas sintético, fato que viabilizou a utilização de fibras vegetais, dentre elas o sisal²⁷, todavia, com a superação da crise do Petróleo o preço da fibra vegetal caiu e conseqüentemente a produção paraibana. Daí em diante pode-se perceber uma situação calamitosa aonde a cultura sisaleira vem diminuindo a cada ano como se pode perceber nas tabelas abaixo.

O texto apresentado nas páginas anteriores nos faz perceber que o espaço paraibano se fez presente em todas as fases do processo de estruturação dos espaços

²⁵ Anuário estatístico do IBGE, 1949

²⁶ SARAIVA,1981,P.51

²⁷ DANTAS, 1994,p.44

sisaleiros, todavia, é impossível pensar esse espaço sem levar em consideração as práticas econômicas que relacionaram-se de forma direta e indireta com a cultura. O que motivou os sisaleiros paraibanos a construir os campos de sisal? O que fez com que os campos passassem por um constante processo de construção e desconstrução?

O grande “x” da questão parte do pressuposto que o sisal veio como uma alternativa econômica que poderia trazer melhores condições de vida para os grupos que habitam o espaço paraibano, logo, a prosperidade econômica advinda dos campos de sisal acarretou a expansão da cultura e a conseqüente construção do espaço, porém, as alternadas crises, ora derivada da concorrência internacional, dos produtos derivados do petróleo ou o descaso do Estado frente a cultura intensificaram uma constante oscilação entre construção e desconstrução do espaço.

Considerações finais:

Em minha dissertação de mestrado estarei usando a metodologia da História Oral, logo nesse artigo me propus a discutir a produção de agave no nordeste, apresentado seus usos, processo de produção e história e ao mesmo tempo problematizar a história oral, haja vista que a memória dos velhos produtores de sisal é de suma importância para que eu possa escrever sobre a construção dos espaços sisaleiros do semi-árido paraibano.

Na atualidade, minha pesquisa encontra-se na fase de realizações de entrevistas, na perspectiva de conseguir “fechar” a colônia de narradores que estarei utilizando na dissertação, logo, estou submetendo esse trabalho incompleto, pois nos próximos dias desejo acrescentar um tópico para apresentar a fala dos sisaleiros que estão sendo entrevistados.

Referências Bibliográficas:

CNA. Sisal: problemas e soluções. Disponível em: <<http://www.cna.org.br>>. Acesso em: 10/04/2010.

MACHADO, Célia, Herbário da Universidade de Coimbra. [online] Disponível na internet via http://www.uc.pt/herbario_digital/Flora_PT/Familias/Amaryllidaceae/ Acesso em 08/03/2011.

PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Coleção Milton Santos).

DANTAS, Leiliam Cruz. Complexo agroindustrial de sisal: Da integração à desestruturação integrada, o caso brascorda na microregião do Curimataú paraibano, Ufpb,1994.(Dissertação de mestrado em economia) – Universidade Federal da Paraíba.

SILVA, O. R. R. da. O agronegócio do sisal no Brasil. Brasília, DF: Embrapa, 1999.

SOUSA, Marta Lúcia. **A produção do sisal na Paraíba**: O município de Cuité, um estudo de caso. Campina grande, Ufpb, 1987. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) universidade Federal da Paraíba, 1987.

VALE, Luís Vieira, QUEIROGA, Vicente de Paula, Importância socioeconômica e sistema de produção da cultura do sisal, Campina Grande, 1992.

LEAL, José. Lacivilizacion dorada. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, ano IX,16 de maio 1965. P.32

Lista de imagens

Imagem 1:

Plantação de sisal,[online] disponível em <http://www.ateffaba.org.br/?p=7738> Acesso em 08/03/2011.